



O LÍDER MILITAR, O LIBERTADOR: BOLÍVAR

Rafael Wassall Corrêa¹

Símon Bolívar, filho da elite *criolla*, ficou órfão de seus pais muito cedo, sendo assim, criado por seu tio. Criado em Caracas, em meio a uma diversidade étnica enorme, onde imperava a desigualdade e o abuso do poder colonial. Em sua vida, se dedicou a ser um guerreiro, um militar, um grande líder, que tinha o sonho e a ambição de livrar a América dos colonizadores e fazer com que o Continente fosse unificado em uma só Confederação.

Suas habilidades na guerra eram notáveis. Em sua grande motivação de estabelecer na América uma federação unificada, teve que partir em direção a guerra diversas vezes. Ele, de fato, sempre alimentou a guerra contra o colonizador espanhol e centralizou o poder e as tomadas de decisões, em si próprio. Bolívar, sem sombra de dúvida, era um estudioso da arte bélica. Para ele, entender afundo, tudo sobre o território, o qual ele fosse libertar, era primordial. Em sua jornada como general, sem dúvida, ele foi bastante vitorioso. Como um líder militar, Bolívar, fazia muito uso da diplomacia, instruindo seus militares a pulso firme, dificilmente colocando sua integridade física em risco. Ele possuía uma enorme soberba que pairava o seu ser, onde quer que ele fosse. Sua arrogância o acompanhava em batalhas. Ele queria ser visto como um grande líder popular, sempre quis transparecer ser um jovem general perspicaz, que jamais teria sua supremacia questionada.

A guerra, para Bolívar, as batalhas que levava aos países da América Latina, sempre tiveram um objetivo claro: livrar a América do colonizador. Bolívar sempre teve como intenção, travar uma guerra total contra o colonizador. Era isso que o motivava. Isso que fazia com que a vida fizesse sentido, para ele. Ele encarava essa missão como um verdadeiro propósito de vida, o qual, ele dedicaria toda ela para realizá-lo. Ele tinha em mente que todas as Repúblicas desde a Venezuela até a Argentina tinham de ser defendidas, a todo custo, pois caso houvesse um “elo fraco”, poderia, esse, ser a ruína de toda a federação. Isso, sem dúvida, era a essência de toda a sua teoria revolucionária e que poderia ser explicada em duas palavras: atacar e unir. Ou seja, fica claro que Bolívar iria levar a guerra onde

¹ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: rafaw00@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-8477-979.

quer que fosse, para poder defender o seu sonho. Pois ele acreditava que, somente assim, a América poderia viver sem a presença do colonizador. Ele era um Líder capaz de levar o seu exército para a guerra, mobilizar milhares de soldados durante quilômetros, apenas para manter viva, sob punhos fortes, a “união” da sua grande confederação.

Bolívar, sempre foi um verdadeiro diplomata, tinha a habilidade de manejar seus generais e fazer com que eles cumprissem suas ordens. Ele possuía uma certa flexibilidade na guerra, sua maestria em saber separar a hora de fazer uso da cordialidade e da força, realmente, era para poucos. Habilidades que, apenas pessoas que possuíam um grande exército e um grande território, sob seu comando, poderiam desenvolver. Porém, Bolívar era único, ele queria ser único, não queria ser posto de lado. Mesmo batalhas que seus generais ganhassem, a glória devia ser destinada apenas ao grande libertador. Bolívar era o grande libertador, a grande figura que tirava por meio da força todos os colonizadores do território latino-americano, afinal, era para isso que ele vivia, foi para isso que ele foi criado, não poderia ser outra pessoa. Claro que ao estudar sobre Bolívar, é notável seu autoritarismo, e a forma centralizadora com a qual ele liderava suas tropas. Porém, devesse sempre questionar a necessidade de suas ações. Ele não agiria de outra forma, ele estava levando a guerra em troca da liberdade, a qual, também deve ser questionada. Qual liberdade queria Bolívar? Que tipo de liberdade ele estava levando para a América? São essas e muitas outras perguntas que devem ser feitas, ao questionar e analisar a figura militar de Bolívar.



Liderar tropas foi sempre a vocação de Bolívar, mas por outro lado, mesmo ele sendo um excelente diplomata, a política não lhe atraía tanto quanto travar batalhas. Ele era um soldado. O destino dele estava sempre apontado para o campo de batalha ou um quartel. Como um líder militar que centraliza o poder e as ações da Confederação em suas decisões, é esperado que a política, em de fato, governar, seja uma das vocações de um líder, como Bolívar era. Ele entendia que não era o magistrado que a república necessitava, seu objetivo era cumprir sua missão e impor sua Constituição diante toda a confederação. Dessa forma, Bolívar acreditava, que seria o único jeito da América seguir com as próprias pernas.

Porém, mesmo que o desejo dele fosse, se manter apenas no campo militar, não seria assim que iria acontecer, na realidade. O seu fardo era muito grande. Ele não poderia apenas deixar sua grande Confederação nas mãos de outras pessoas, ele tinha que tomar as rédeas oficialmente. A liberdade que Bolívar sonhava para a América era que, em um grande Continente unificado, centralizado em uma Constituição, institucionalizada por ele, e com a antiga elite colonial dominante sendo expulsa, a América passaria a seguir com as suas próprias pernas. Essa liberdade, não abrangeria cem por cento da população. Uma nova elite dominante assumiria as rédeas: a elite *criolla*. Analisando profundamente, Bolívar estava liderando um exército, que estaria expulsando uma elite opressora, para colocar no poder uma outra elite que comandaria a nação de maneira autoritária.

Bolívar não se preocupava com as classes inferiores como deveria se preocupar. Por exemplo, ele torna livre a classe escrava, porém não é dada condições necessárias para os escravos constituírem suas vidas. Algo que Karl Marx, criticava em Bolívar, era que ele não se engajava no debate da luta de classes. Bolívar pensava que apenas com o expurgo total dos colonizadores do poder, e a tomada do poder por sua classe, que também representava uma elite, traria a tão sonhada liberdade para a América. Dessa maneira surge nessa camada da sociedade, a figura do grande herói, o grande líder militar, representado por Bolívar. Ele vai se tornar um verdadeiro mito para essa sociedade. Essa imagem, Bolívar quis construir.

Com certeza, foi algo pensado. Bolívar era um líder de extrema inteligência. Ele usou disso a seu favor. Para justificar seu autoritarismo e a centralização do poder, ele utilizou essa figura do grande libertador, o Herói. Bolívar, representava uma pequena parcela da sociedade. E ao analisar a figura militar de Bolívar é impossível ignorar esse fato. Vale ressaltar que, a Constituição que ele cria é essencialmente centralista, uma decisão que pode ser comparada a algo ditatorial. Claro que ao analisar um fato histórico,

toda comparação deve ser no mínimo muito bem elaborada. Bolívar, sendo um líder, não agradou a todos. Suas decisões não foram cem por cento aceitas, mesmo dentro de seu círculo de amizades, mesmo em seu círculo de militares próximos, até aqueles que o ajudavam nas expedições.

Bolívar, sempre gostou da bajulação, sempre lhe agradava ser recebido de maneira a ser ovacionado nas cidades que estava libertando, assim como festas e encontros entre líderes. Como líder, ele queria ser comparado a Napoleão Bonaparte. Na arte ele fazia questão de ser retratado, com uma notável semelhança à aparência de Napoleão. Até mesmo na maneira de se vestir. Porém, o que mais lhe interessava era a maneira como ele era visto. Além das aparências físicas, ele queria ser comparado a Napoleão a partir das conquistas militares, ele queria ser lembrado como aquele que, com os seus feitos na América latina, pudesse ser equivalente ao imperador francês.

Não há dúvidas da importância de Bolívar para a História da América Latina. É impossível negar a importância de seus feitos para a História da política da Continente. O que vai decorrer a partir das suas ações, reflete até hoje na sociedade latino-americana. A figura militar de Bolívar será sempre lembrada e sempre causará discussões. Para a história e o historiador, Bolívar deve ser analisado de maneira geral, nunca deve analisado apenas de um ponto de vista, deve-se olhar para a totalidade e profundidade de suas ações, somente assim, é possível entender a importância de Bolívar para a América Latina e como isso reflete na atualidade. Analisar o passado para entender o presente. Dessa forma, e somente dessa, pode-se entender uma sociedade de maneira completa e profunda.

Referências bibliográficas

ARANA, Marie. *Época de Enganos*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

MARX, Karl. Bolívar y Ponte. *In Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BELLOTO, Manoel Lelo, CORRÊA, Anna Maria Martinez. *Bolívar e a Luta pela independência da América: Ação e Pensamento Político* In: Bolívar São Paulo: Ática, 1983.